

MUDAS CINZAS

Catulo e a poética
do luto



Katia Teonia Costa de Azevedo

MUDAS CINZAS

Catulo e a poética
do luto

2ª. edição



Copyright © Katia Teonia Costa de Azevedo

2ª Edição, 2024

Título Mudas cinzas: Catulo e a poética do luto

Autora Katia Teonia Costa de Azevedo

Editores Marcelo Toledo e Valéria Toledo

Capa KOPR Comunicação

Diagramação Alexandra Abdala

Revisão AR Textos e Contextos

Obra em conformidade com o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida total
ou parcialmente sem permissão por escrito da Editora.
Independentemente dos meios empregados para a reprodução
não autorizada, estará o infrator sujeito às penalidades previstas
na legislação civil e penal vigentes.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
de acordo com o Código de Catalogação Anglo-Americano (AACR2)

A994m Azevedo, Katia Teonia Costa de
Mudas cinzas: Catulo e a poética do luto / Katia Teonia
Costa de Azevedo. 2.ed. – São Paulo: Madamu, 2024.
176 p.; 21 cm.

Inclui referências bibliográficas
ISBN: 978-65-86224-61-0

1. Literatura Latina. 2. Poesia. 3. Ensaio. I. Azevedo, Katia
Teonia Costa de. II. Título.

CDU 871-1

Elaborado por Simone Cadengue Ladislau – CRB-8/6350

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura Latina
2. Poesia
3. Ensaio

Direitos reservados à

Editora Madamu
www.madamu.com.br
leitor@madamu.com.br

Rua Terenas, 66, conjunto 6, Alto da Mooca
São Paulo, SP, CEP 03128-010
Telefone: 11-2966-8497

Impresso no Brasil

*para Renata,
meu doce amor*

*I have loved this poem since the first time
I read it in high school Latin class and
I have tried to translate it a number of times.
Nothing in English can capture the passionate,
slow surface of a Roman elegy. No one (even in
Latin) can approximate Catullan diction, which
at its most sorrowful has an air of deep festivity,
like one of those trees that turns all its leaves over,
silver, in the wind. I never arrived at the transla-
tion I would have liked to do of poem 101.
But over the years of working at it, I came to think
of translating as a room, not exactly an unknown
room, where one gropes for the light switch.
I guess it never ends. A brother never ends.*

Anne Carson, Nox¹.

1. Em *New Directions*, 2010. À querida colega e amiga Flávia Trocoli, por desvelar *Nox* e outros lutos, muito obrigada.

Bem-Haja

Este livro é parte da minha pesquisa de doutoramento, sob a orientação da Professora Alice da Silva Cunha, minha colega na Universidade Federal do Rio de Janeiro, a quem dirijo meu primeiro e sincero agradecimento. Também manifesto minha profunda gratidão a David Konstan, que foi Professor de Estudos Clássicos na New York University e que recentemente nos deixou. Seu legado, marcado tanto pelo brilhantismo acadêmico quanto por sua humanidade, seguirá vivo e ressoando em muitos estudiosos, no Brasil e no exterior. Agradeço a generosidade imensa em ler este trabalho, compartilhar seus estudos sobre o luto e gentilmente contribuir com a escrita da orelha deste livro. Expresso meus mais profundos agradecimentos à Professora Cristina Santos Pinheiro, da Universidade da Madeira, pela delicadeza e generosidade ao compartilhar sua primorosa pesquisa sobre as mães órfãs na literatura latina, bem como pela gentileza ao redigir com tanta sensibilidade e gentileza o prefácio desta obra. Agradeço igualmente à Professora Judith de Luce, da Miami University, por seu diálogo atento e generoso, bem como pelo estudo sobre o luto nas Metamorfoses de Ovídio, cuja leitura crítica trouxe observações valiosas e enriquecedoras para minha pesquisa. À Rodrigo Garcia, da Archè Editora, primeiro editor desta obra, e aos editores Marcelo Toledo e Valéria Toledo, da Madamu, responsáveis por esta segunda edição, expresso minha mais sincera gratidão pelo diálogo sempre atencioso, respeitoso e afetuoso, e, sobretudo, pelo apoio inestimável e contínuo aos estudos clássicos no Brasil. À querida amiga Viviane Moraes, companheira de longa jornada acadêmica, que comigo compartilha o amor pelos estudos clássicos, meu

mais sincero agradecimento. À Renata Pinheiro, meu doce amor, dedico também este livro, em gratidão pelo constante cuidado e afeto. E, por fim, à minha mãe, Severina Costa, cuja partida me fez experienciar o luto na profundidade dos versos de Catulo.

Sumário

	Prefácio <i>Cristina Santos Pinheiro</i>	13
I	Sobre dores e reencontros	17
II	A morte que move: Catulo e o ciclo do luto	23
III	<i>Nox</i> — Quando a noite fala ou sobre a morte em Catulo	27
IV	<i>Luctus</i> e outras dores	39

Prefácio

V	O luto simpatético: o canto lugente da dor do outro	61
	<i>O canto lúgubre pelo pardal</i>	62
	<i>Quando a morte não dói tanto</i>	71
VI	Catulo enlutado: dor e metapoesia	77
	<i>Silêncio</i>	82
	<i>Deslocamento</i>	95
	<i>Memória</i>	118
VII	<i>Exemplum</i> mitológico: a expressão oblíqua do luto	131
	<i>Troia (funesta!)</i>	132
	<i>A Daulíade e o canto do rouxinol</i>	138
	<i>Trívia, “deusa nocturna e ambígua que entremostra e sonega o lume da lua”</i>	151
	<i>Laodâmia e Protesilau: um amor mais forte que a morte</i>	155
	Considerações finais	163
	Referências	167

Há obras que não necessitam de um prefácio, que se impõem pelo interesse que suscitam, pela clareza com que são redigidas e pela consistência com que são concebidas. *Mudas cinzas: Catulo e a poética do luto* é uma dessas obras. Nela, Katia Teonia expõe com grande sensibilidade os matizes do luto num dos poetas mais marcantes da Literatura Latina: Gaio Valério Catulo. Conhecido principalmente pela sua relação tumultuosa e adúltera com uma senhora casada, a quem designa com o pseudónimo de Lésbia, Catulo deixou-nos uma colectânea de poemas de temática heterogénea em que, com frequência, como a Azevedo nos diz, “nos diz tanto com tão pouco”, por vezes de forma quase ridiculamente simples, como no célebre carme 85: “Odi et amo. quare id faciam, fortasse requiris. / nescio, sed fieri sentio et excrucior” (“Odeio e amo. Por que o faço, talvez perguntes. Não sei. Mas sinto-o. E sofro.”¹). São palavras que nos mostram na sua desconcertante simplicidade o eu poético atormentado por um amor que já não quer. Mas este amor, de uma forma que desafia a própria vontade do amante, continua a torturá-lo. Este Catulo enamorado, que oscila entre a paixão e o ódio, é sobejamente conhecido e foi, desde a descoberta, cerca de 1300, em Verona, do único manuscrito que permitiu que nos chegasse o seu “libellus”, estudado e muito apreciado. Talvez menos conhecido e menos estimado seja o Catulo da invectiva, da ofensa e da obscenidade, como se nos mostra, por exemplo, nos carmes 16 ou 21.

13

1. Catulo, *Carmina* (trad. José Pedro Moreira e André Simões; intr. Ana Alexandra Alves de Sousa), Lisboa, Livros Cotovia.

O Catulo que Katia Teonia nos dá a conhecer, porém, toca-nos ainda mais fundo que o Catulo amante em júbilo ou em sofrimento. Os jogos de sedução, a paixão incondicional e, depois, o rancor da separação dão lugar à dor da perda, ao luto: ao luto simpatético, como a Azevedo classifica as emoções expressas num conjunto de poemas em que Catulo fala da dor de outrem, como os “carmina” 3 e 96; e ao luto subjectivo, ou seja, o luto do próprio sujeito poético, causado pela morte do irmão, e que encontra expressão nos poemas 65, 66, 68 e 101.

“Carnificina est aegritudo”, “o desgosto é uma tortura”, escreve Cícero nas *Tusculanas*, pois traz consigo o definhamento, o tormento, a aflição, a repugnância, sentimentos que corroem a alma e a destroem por completo (*Tusc.* 3.27). Quando compunha esta obra, Cícero procurava consolo pela morte da filha, Túlia, falecida, como tantas mulheres romanas, em consequência do parto. Se tivermos em consideração que a família era, para os Romanos, a estrutura fundamental da sociedade, entendida como a base em que se estabeleciam relações quer de natureza biológica e afectiva, quer legal e económica, compreendemos a importância que concediam ao luto pela perda de um familiar. São frequentes na literatura latina as descrições de personagens que lamentam a morte dos seus e, se acrescentarmos a estas as expressões de desgosto e saudade que encontramos nos epitáfios originários tanto de Roma como das províncias, teremos um acervo extraordinariamente rico de informações sobre a construção do luto.

As expectativas sociais que condicionavam a expressão do luto eram certamente tão actantes no passado como são hoje. Em Roma, sabemos ter existido uma distinção relativamente ao sexo do enlutado, isto é, esperava-se que as mulheres tivessem atitudes e gestos que os homens não deviam ter. Era esperado que as mulheres vocalizassem a dor, que gritassem e chorassem, que batessem no peito (o que, para

os antigos gregos e romanos, era um gesto de dor). Já a lei das XII Tábuas proibia que as mulheres desfigurassem o seu rosto, arranhando as faces com as unhas. Como a análise de Katia Teonia mostra, o luto de Catulo é, ao contrário, um luto de silêncio, é um luto que silencia e que bloqueia o génio poético. Mas este luto opera também na immortalização da memória do irmão defunto e, neste aspecto, associa-se a um dos sentimentos mais prevalentes da sociedade romana: o desejo de perpetuar a lembrança dos mortos. Sobre a família recaía a obrigação de sepultar o defunto e de garantir que se preservava a memória do seu nome e da sua identidade, quer mantendo os traços fisionómicos do defunto na “imago”, uma máscara de cera que representava o morto e que era usada nos cortejos funerários da família e ostentada na “domus”, quer enumerando as qualidades do defunto na “laudatio funebris” e no epitáfio adjacente à sepultura. Nas classes sociais em que Catulo se movimentava, a morte de um familiar constituía também uma oportunidade de afirmação social para a própria família.

O irmão sem nome de Catulo torna-se na obra catuliana o símbolo de um sofrimento maior. A análise que a Azevedo desenvolve em *Mudas cinzas*, extremamente coerente, prende-nos em cada linha, num percurso que nos leva através dos meandros da dor de quem a plasmou em versos que – eles, sim – desafiaram a mortalidade. Estes meandros são perscrutados com sensibilidade e competência pela Azevedo, que lhes reconhece e respeita a complexidade, em cinco capítulos centrais que exploram aspectos diferentes do luto na obra de Catulo. A fugacidade da vida afirma-se como uma realidade inexorável, a que ninguém foge e, por isso, a interjeição do poema 5, “Vivamus, mea Lesbia, atque amemus”, é um desafio que o eu poético lança à mulher amada, mas também à própria morte. Os limites humanos são ultrapassados por meio da paixão, mas também, como a obra de Katia Teonia

nos mostra, pelo amor fraterno que leva Catulo a percorrer distâncias imensas, através de povos diversos, até chegar às mudas cinzas do irmão para lhe prestar a homenagem prescrita pelo “*mos maiorum*”, pelo costume dos antepassados, que os Romanos valorizavam como um dos pilares morais que garantiam a coesão da sociedade.

É certo que poucos sentimentos terão assombrado tanto a humanidade, no passado ou no presente, como a dor causada pela perda de alguém que nos é querido: um amigo, um irmão, um filho, a mãe, o pai. A experiência pessoal do luto molda o íntimo do ser humano, que se vê perante a morte do outro, mas também perante a certeza da sua própria finitude. Pesquisar sobre o luto, como Katia Teonia faz de forma magistral nesta obra, é entrar no que os indivíduos têm de mais frágil e plangente, mas é também perceber como na vulnerabilidade nos renascem forças que por vezes desconhecíamos. Qual Prometeu com as entranhas dilaceradas, o ser humano renova-se também na dor.

Cristina Santos Pinheiro
Professora de Língua e Literatura Latina
Universidade da Madeira